




TEXTO COMPLETO

MASCULINIDADES VIGIADAS:
UMA INTERPRETAÇÃO A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO “THE MASK YOU LIVE IN”

JUAN DA CUNHA SILVA E ELIANE PORTES VARGAS

Comunicação Oral na XIII Jornada do Programa de Pós-graduação
em Antropologia da Universidade Federal Fluminense

Niterói, 2019



Masculinidades Vigeadas: uma interpretação a partir do documentário

“The Mask You Live In”¹

Juan da Cunha Silva

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz na Fundação Oswaldo Cruz. Bolsista do Programa Nota 10 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Eliane Portes Vargas

Pesquisadora Titular da Fundação Oswaldo Cruz. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz e da Escola Nacional de Saúde Coletiva Sérgio Arouca – Fundação Oswaldo Cruz.

Resumo: Esse artigo tem por objetivo compreender as normas de socialização dos meninos e jovens e seus impactos sobre a construção de suas identidades masculinas e no cuidado à saúde tendo como material de análise a narrativa presente no documentário “The Mask You Live In” (2015). Para tanto o filme foi analisado permitindo a seleção de temas que possuíssem relação com o processo de socialização de meninos e jovens e os achados foram discutidos com autores das Ciências Sociais e Humanas e da Saúde. Os mecanismos de vigília adotados na socialização de meninos e jovens se utilizam de prescrições de como se portar para ser compreendido como um homem. As prescrições de masculinidade são transmitidas simbolicamente e podem contribuir com o processo de vulnerabilidade, um estado negado e velado pelos homens. A identificação e o acolhimento das demandas dos meninos e jovens podem ser vistos como uma estratégia de cuidado.

Palavras-chave: sentidos da masculinidade; análise fílmica; sexualidade; gênero.

¹ O presente trabalho foi no realizado âmbito da Pós-Graduação *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e saúde (PPGEBS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O PPGEBS recebe apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Reflexões iniciais

A masculinidade pode ser compreendida como “expectativas sociais sobre atitudes e comportamentos de homens e jovens do sexo masculino na sociedade” (TAYLOR, et al., 2016, p. 14). Na perspectiva adotada nesse trabalho, compreendemos que, essas expectativas em torno da identidade masculina são socialmente construídas, sendo um processo operado desde a socialização dos meninos. Esse processo pode gerar ou reforçar vulnerabilidades, pois tais expectativas de masculinidade, muitas vezes problemáticas, são reforçadas no decorrer da juventude e na vida adulta dos homens. Em algumas culturas, como a brasileira, presentear os meninos na infância com armas de plástico pode ser ilustrativo. Essa prática naturalizada normaliza, precocemente, o uso de armas e a violência e reforça a adoção do comportamento de invulnerabilidade.

Os aspectos relativos à construção social da masculinidade repercutem no exercício da sexualidade e da reprodução entre os jovens e os cuidados à sua saúde são marcados por diferenças entre os gêneros. Num estudo realizado por Antunes e colaboradores (2002) com 304 estudantes com idade entre 18 e 25 anos, (66%) das jovens participantes da pesquisa relataram conversar com seus amigos a respeito de métodos contraceptivos contra (43%) dos homens jovens da amostra. Dentre as jovens (21%) não tinham experiência sexual enquanto (5%) dos rapazes já haviam se iniciado sexualmente. Em relação ao uso do preservativo, (30%) das jovens relataram possuir dificuldades na negociação do uso de preservativos contra (14%) dentre os rapazes. Falar sobre suas preferências sexuais era menos vergonhoso para os rapazes (53%) do que para as jovens. As jovens relacionam o sexo ao amor (93%) contra (73%) dos homens jovens. Outro exemplo que ilustra as diferenças marcadas pelo gênero foi descrito pelo Ministério da Saúde ao apontar que as jovens são estimuladas a falar de seus afetos, medos e inseguranças. Já os jovens masculinos, geralmente, não conversam sobre esse tema com suas famílias, nos serviços de saúde ou com seus pares. Tal característica pode resultar numa “menor capacidade de cuidar de sua própria saúde e, por conseguinte, de sua(seu) parceira(o), deixando-o mais vulnerável a infectar-se pelas doenças sexualmente transmissíveis e pelo HIV/AIDS” (BRASIL, 2011, p. 21).

Pesquisas sobre o tema, apontam que no transcorrer da juventude, os jovens são estimulados a serem duros e fortes na resolução de conflitos adotando comportamentos atribuídos socialmente ao “universo masculino” que são estereotipados e estão relacionados a “hiperser masculinidade” (TAYLOR, et al., 2016; BARKER, 2008). A

“hipermasculinidade”, um termo cunhado por Mosher e Sirkin (1984), é caracterizada pelo o uso da violência e incorporação da virilidade. Ao longo do processo de socialização os meninos e jovens são encorajados a adotar comportamentos que empreguem o uso da força física, agressividade e violência e a demonstrações de virilidade. Visando abordar e discutir esse processo de socialização de meninos e jovens, recorreremos ao documentário “The mask you live in” (2015), descrito a seguir. Optamos por esse tipo de narrativa cinematográfica, pois os:

[...] documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social (NICHOLS, 2005, p. 73).

Os documentários podem ser compreendidos como uma modalidade do cinema capaz de registrar as concepções de sujeitos e grupos sociais. Essas percepções compiladas nos documentários estão inscritas na cultura de uma sociedade, num momento histórico. Segundo Mombelli e Tomaim (2014, p. 6) a produção dos documentários conta com a participação de “(...) personagens sociais que vivem e/ou viveram determinada situação”. Nessa perspectiva um documentário, pode ser utilizado como uma fonte de pesquisa, que permite identificar, descrever e problematizar as dinâmicas sociais descritas nas narrativas dos entrevistados e/ou depoentes. Nessa direção, esse trabalho tem por objetivo compreender as normas de socialização dos meninos e jovens e seus impactos sobre a construção de suas identidades masculinas e no cuidado à saúde tendo como material de análise a narrativa presente no documentário “The Mask You Live In” (2015).

Caminhos para a análise

“The Mask You Live In” (2015) consiste em um filme produzido nos Estados Unidos e lançado em 2015 e dirigido por Jennifer Siebel Newsom. Ele foi selecionado por abordar temas que tem forte relação com a identidade masculina e o processo saúde-doença-cuidado dos homens jovens. Esse documentário tem como eixo central em suas narrativas as pressões sociais exercidas sobre os meninos, jovens, homens adultos no exercício de suas masculinidades. Dentre os temas abordados nos 97 minutos da obra, pode-se destacar: a masculinidade hegemônica; a saúde mental e suicídio; violência e agressividade; conflitos com a imagem corporal e sexualidade. O filme conta com a participação de educadores, profissionais da saúde, sociólogos, ativistas e pesquisadores que trabalham com a temática de identidade masculina.

Como procedimento de análise o filme foi assistido em sua versão com legendas em português e, em seguida, foi realizada a transcrição, a qual foi classificada como uma transcrição linear, pois teve por objetivo registrar todas as narrativas do filme, contemplando para além das narrativas: a identificação dos participantes, a disposição/enquadramento do participante na cena, a presença de mais um participante em cena, a ambiência da filmagem, os dados exibidos ao longo do documentário, as cenas de filmes comerciais veiculadas.

As narrativas e as dinâmicas foram transcritas de acordo com a ordem de exibição, permitindo que os dados fossem recuperados e analisados. As palavras mais frequentes na transcrição foram: meninos, homens, homem, pai, mulheres, masculinidade, vida, meninas, mãe, cultura, violência, filho, mundo, falar, escola. Procedeu-se a seguir, a seleção das narrativas que possuíam relação com o processo de socialização dos jovens. Em seguida, as narrativas foram problematizadas de modo a identificar nos discursos os elementos ligados a identidade masculina e suas relações com o processo de socialização dos jovens e suas relações com o processo saúde-doença-cuidado na juventude masculina. Para tanto, foi necessário recuperar os dados da transcrição linear e acessar novamente o próprio filme, bem como acessar os construtos de autores das Ciências Humanas, Sociais como Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Miguel Vale de Almeida e da Saúde para discutir os achados.

As masculinidades a partir do documentário *The Mask You Live In*: uma interpretação possível

As concepções sobre o que é “ser homem”, de como “se portar” e o que fazer para ser considerado “homem” e os “valores” inerentes ao “universo masculino” são ensinados e aprendidos ao longo da socialização dos meninos e jovens. Nesse processo, um conjunto de normas, prescrições são transmitidas, tanto na socialização primária, etapa na qual as figuras paternas e maternas exercem maior influência, ou na socialização secundária, onde outros atores e instituições participam. Essas normas são comunicadas simbolicamente através do discurso, dos comportamentos, das conformidades dispostas na organização dos grupos sociais como a família, a escola e demais instituições. As normas transmitidas no decorrer da socialização são atravessadas pela cultura, são,

portanto, representações. Por meio da narrativa da especialista Caroline Heldman, cientista política e educadora, podemos identificar os aspectos culturais presentes na socialização masculina. Heldman afirma, que os meninos e jovens são colocados: “[...] nesse caminho através da cultura popular, do estilo de criar filhos, do sistema educacional e pelas noções intuitivas de masculinidade e macheza que transmitimos que são incrivelmente ofensivas e danosas. (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:29).

As normas e prescrições transmitidas aos meninos e jovens no ensejo de contribuir com a construção de sua identidade masculina tendem a reforçar a negação do feminino. O sociólogo Michael Kimmel em “The Mask You Live In” (2015), faz a seguinte provocação: “Se entrar em qualquer *playground* nos Estados Unidos em que haja um grupo de meninos brincando alegremente, pode começar uma briga com a pergunta: “Quem aqui é a mulherzinha?” Kimmel tem como resposta:

E dois meninos vão começar: “Não, é ele. É ele” e eles vão brigar ou todos os meninos vão dizer: “é ele. É ele.” E esse menino vai lutar contra todos ou voltar para casa chorando. **A ideia de ser visto como fraco, como mulherzinha, perante os outros homens começa nos primeiros momentos da infância. E continua por toda a vida, tendo que provar aos outros homens que não somos meninas, que não somos mulheres, que não somos gays.** (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:04:55) (grifo nosso).

5

De acordo com o historiador Alex Silva Ferrari (2019), a trajetória dos homens jovens possui diferenças quando comparada a das jovens, a socialização secundária dos homens jovens é marcada pela necessidade de oferecer provas de sua masculinidade, segundo o autor:

(...) após a primeira menstruação a menina será sempre vista como representante do sexo feminino, o mesmo não ocorre com os meninos, que devem repetir os atos que provam sua masculinidade a todo o momento, sendo deles cobrada a postura do “macho” sob o risco de terem sua identidade masculina negada, passando então a conviver com a *estigmatização* e a exclusão dos seus tradicionais ciclos sociais (FERRARI, 2019, p. 122-3).

Segundo o antropólogo Miguel Vale de Almeida (1996, p. 163) a construção da identidade masculina é um processo vivido distintamente pelos homens, que não deve ser compreendido como uma “[...] mera formulação cultural de um dado natural” porque é marcado por assimetrias e hierarquias, as assimetrias estão relacionadas à heterossexualidade e a homossexualidade, enquanto que as hierarquias contemplam as representações de ser mais ou menos “masculino”. Heldman afirma que: “A

masculinidade não é orgânica, e reativa. Não é algo que se desenvolve sozinha. É a rejeição a tudo que é feminino” (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:05:56).

As prescrições adotadas na socialização dos meninos e jovens para que eles sejam considerados “homens”, além de primarem pela rejeição do feminino, tendem a impor que os homens aprendam a dominar e silenciar suas emoções:

Como meninos, aprendemos cedo a reprimir emoções. Não podemos falar sobre ter medo. Não podemos falar sobre nossas dores. Podemos falar sobre estar furioso. Podemos falar sobre ter raiva. Não podemos falar sobre tristeza (TONY PORTER, In: MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:11).

Diante de tais prescrições, os meninos, jovens e homens estão, portanto, sob um constante ritual de vigília, como sinaliza Heldman: “E há todo um sistema social que os vigia através da ameaça velada dos outros homens se não forem machos o bastante” (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:29). Em relação à masculinidade Vale de Almeida (1996, p.163) considera que a “[...] definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, autovigiado e disputado”, constituindo, portanto, um modelo de subordinação e dominação.

Os homens podem vigiar outros homens “do alto” de suas masculinidades, e, dessa perspectiva, eles podem dominar os seus pares. Em seus estudos Vale de Almeida (1996, p. 162) aponta a masculinidade hegemônica como um processo interdependente: “A masculinidade hegemônica é um consenso vivido. As masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia”. Os constructos de Pierre Bourdieu, quando aplicados nesse contexto, nos auxiliam a compreender essa relação de dominação: “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 2012, p. 46). Os arquétipos de masculinidade valorizados socialmente pelos homens são representados na figura de um homem dominador, agressivo, ou seja, um expoente da hipermasculinidade (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:51:00). Um dos efeitos da masculinidade hegemônica sobre a vida de homens e mulheres está centrado no controle, que se manifesta através do discurso de dominação e ascensão social sobre outros homens e mulheres, o que autoriza que os homens constituam uma categoria social e, assim façam uso dos privilégios inerentes a esse grupo (VALE DE ALMEIDA, 1996). Segundo o psiquiatra e educador James Gilligan, um dos normativos para ascender nessa categoria, se baseia em: “[...] para

ser um homem de verdade, você tem que dominar outros homens” (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:07:36).

A vigília sobre a masculinidade também acontece entre os homens jovens, como sinaliza Michael Kimmel: “o que temos nos campi universitários são **homens desesperados para provar sua masculinidade. Então há rapazes de 18 anos querendo se provar para os de 19 anos**” (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:04:52) (grifo nosso). Os grupos de homens são demarcados por normas de convivência, ao agir dentro das conformidades do grupo são conferidos benefícios através de sistemas de compensação, como aponta Jackson Katz:

Há forças na cultura da camaradagem masculina que deixa os homens em silêncio. Mesmo os homens que sabem que há algo errado. Não dizem nem fazem nada porque calculam que se disserem ou fizerem alguma coisa vão perder status dentro dessa cultura (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:06:58).

As vigílias das masculinidades se valem de mecanismos como a violência simbólica, um conceito construído por Pierre Bourdieu, que a classifica como uma:

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, p. 7-8).

Os meninos e jovens não tem suas masculinidades vigiadas apenas por outros homens, as mães também participam desse processo, como aponta o psicólogo e educador, William S. Pollack, em “The Mask You Live In” (2015, 16:26): “As mães escutam que se abraçarem demais seus meninos, vão prejudicar o desenvolvimento deles. Ele vai virar um filhinho da mamãe”.

Recorremos a figura do Panóptico, para ilustrar e problematizar a estrutura e os mecanismos adotados na vigília das masculinidades de meninos, jovens e homens. Essa figura emblemática foi concebida originalmente por Jeremy Bentham e explorada por Michel Foucault em “Vigiar e Punir” (1977). O panóptico possui uma arquitetura e organização que permite que os vigilantes estejam estrategicamente situados na torre no centro da estrutura, o que amplia a percepção dos vigilantes que captam através das sombras as ações dos vigiados. Nessa arquitetura, os vigiados tendem a internalizar a figura dos vigilantes.

O conceito de panoptismo quando aplicado a socialização dos meninos e jovens nos auxilia a compreender os mecanismos adotados tanto pelos vigilantes, como também pelos meninos e jovens, que são expostos a um constante sistema de vigília de suas masculinidades. Os mecanismos de vigília implicam que os meninos e jovens ofereçam “provas” de suas masculinidades e, sendo a masculinidade algo inorgânico, imaterial e inscrito na ordem do simbólico, como disposto anteriormente, cabe aos meninos e jovens adotar comportamentos que estejam alinhados com as concepções de masculinidade vigentes em sua cultura. Ao terem que “reforçar” os estereótipos masculinos, a identidade masculina dos meninos e jovens pode ser impactada pela concepção de que “ser homem” tem por condição adotar a hipermasculinidade como único modelo de identidade masculina.

Ter a sua masculinidade colocada sob judice. Ser apontado como um homem que não é másculo o bastante. Perceber-se como diferente. Comparar a sua masculinidade a de outros homens. Negar sumariamente as características e comportamentos “femininos”. Ajustar-se, compulsoriamente, às prescrições de masculinidade. Adequar-se, arbitrariamente às convenções ditadas por instituições como a escola, o serviço militar, o mercado de trabalho... São algumas das etapas que alguns meninos e jovens transcorrem sem ao menos compreender que o processo de construção de sua identidade masculina, em razão de sua natureza singular, não deve ser alvo de ajustes, alinhamentos. E, como os meninos e jovens participam dessa estrutura que os domina através da vigília? As dinâmicas de dominação podem vir a ser incorporadas pelos meninos e jovens como aponta Bourdieu (2012, p. 22):

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.

As referências masculinas que alguns jovens recorrem ao longo de seu processo da construção da identidade masculina estão relacionadas a reprodução do modelo patriarcal, com papéis sociais delimitados. Os resultados dos estudos de Nascimento, Segundo e Barker (2011) refletem essa reprodução. Ao perguntarem para os homens jovens:

[...] o que significa ser homem? Os jovens evocavam a figura do homem provedor e responsável pelo sustento da família. A família era vista de maneira tradicional, ou seja, com papéis bem definidos, ‘homem que trabalha’ e

‘mulher que cuida da casa’ e que deve respeito ao homem (NASCIMENTO, SEGUNDO, BARKER, 2011, p. 120).

O cuidado de si, incluindo o cuidado à saúde é marcado por diferenças de gênero como sinaliza Gomes e seus colaboradores (2011, 2008), ao passo que os homens, incluindo os jovens, não procuram os serviços de saúde na mesma frequência que as mulheres e não possuem espaços onde possam expressar suas aspirações, afetos e medos em relação a seu corpo, sexualidade, emoções, desejos e inquietações. Em alguns casos, no decorrer da socialização, os meninos são incentivados a brincar na rua com outros meninos e, geralmente, não desenvolvem tarefas domésticas de cuidado como as meninas. Nas trajetórias masculinas de não violência, o envolvimento ativo em tarefas de cuidado é um papel de destaque, Taylor e colaboradores (2016, p. 81) apontam que:

[...] a violência e o cuidado interagem entre si e que o cuidado ou é um fator impulsionador da redução da violência, ou que a menor exposição à violência e ao medo da violência podem aumentar as possibilidades de os homens participarem nas tarefas de cuidado.

O enfrentamento das situações de vulnerabilidade nesse ciclo de vida, incluindo os cuidados à saúde, demanda a participação de diversos setores da sociedade que possam compartilhar suas expertises e atuar em torno da construção coletiva de saídas, que estejam em consonância com as demandas dos atores sociais e que promovam através do diálogo permanente com a população jovem a transformação de sua realidade. Alves e Dell’Aglío (2015) ao analisarem as potencialidades do apoio social em torno do comportamentos de risco de jovens, reforçam a necessidade de intervenções que considerem os ambientes onde os jovens estão inseridos, segundo os autores a participação da família e dos professores é importante, pois nesses contextos os jovens podem desenvolver o sentimento de pertencimento e de ligação afetiva. A escola pode ser compreendida como uma aliada na realização de programas de prevenção e cuidado (CLAUMANN, et al. 2018). E, também como um espaço para discussão de temas relacionados aos eventos experimentados pelos jovens. Silva Junior (2017) sinaliza que a discussão e a problematização de temas como gênero e masculinidades podem contribuir para a igualdade de gênero e a justiça social.

Reflexões Finais

A partir dos discursos dos depoentes de “The Mask You Live In” (2015) aqui apresentadas e problematizadas, compreendemos que os meninos e jovens participam desse processo incorporando a dominação. Bourdieu (2012, p. 32) alerta que ser comparado a uma mulher, ser “acusado” de homossexual, constitui, nas palavras do autor, “a pior humilhação, para um homem”.

Ao analisarmos as narrativas em “The Mask You Live In” (2015) podemos localizar nos discursos um conjunto de normas, as quais classificamos como prescrições, em razão dos imperativos empregados nas sentenças. Compreendemos que os papéis ocupados pelos pais no processo de socialização dos meninos e jovens são legitimados socialmente e, que como agentes desse processo lhes são imputadas responsabilidades ao aplicar, transmitir e vigiar as normas por eles prescritas sob o pretexto de “educar”, “informar” e “cuidar” de seus filhos. A partir das narrativas podemos compreender que o processo de socialização dos meninos e jovens assume um caráter conformador, que aplica um conjunto de prescrições que são estruturadas e orientadas por representações do que é “ser homem” naquela cultura.

Os homens podem comunicar suas percepções a respeito da masculinidade de outro homem através da violência simbólica, da distinção ou até empregando métodos que se não enquadram nas dimensões simbólicas como a violência física. Os homens ao praticarem a distinção do que é “ser homem” atribuindo ao outro o status de “homem”, se revestem de concepções de masculinidade por eles incorporadas. Ao adotarmos o panóptico como uma perspectiva para problematizar como as masculinidades são alvo de olhares, vigílias e intervenções, podemos compreender os mecanismos de vigília utilizados na socialização dos meninos e jovens e sua influência na construção da identidade masculina com o reforço da adoção de comportamentos correlatos à hipermasculinidade e que, por vezes, culminam na adoção de mecanismos de blindagem das identidades dos meninos e jovens.

Compreendemos que o processo de formação da identidade masculina é por si só complexo, que no caso dos meninos e jovens esse processo sofre influência de várias ordens. Diante do processo de vulnerabilidade que meninos e jovens estão expostos, o incremento de ações que contemplem através da escuta sensível a identificação e acolhimento de suas demandas constitui uma estratégia de cuidado.

Referências

ALVES, C. F.; DELL'AGLIO D. D. Apoio social e comportamento de risco na adolescência. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, pp. 165-175, abr.-jun. 2015.

ANTUNES, Maria Cristina.; PERES, Camila Alves.; PAIVA, Vera.; STALL, Ron.; HEARST, Norman. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, supl. p. 88-95, Ago. 2002.

BARKER, G. **Homens na linha de fogo: masculinidade e exclusão social**. Tradução: Alexandre Arbex Valadares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva**. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

CLAUMANN, G. S., PINTO, A. A., SILVA, D. A. S., PELEGRINI, A. Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 3-9, Mar. 2018.

FERRARI, A.S. Identidade masculina: a reprodução da violência contra as mulheres na construção do masculino patriarcal. *In*: NADER, M.B.; MORGANTE, M.M. (Org.) **História e gênero: faces da violência contra as mulheres no novo milênio**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

FOUCAULT. M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

GOMES, R. et al. A atenção básica à saúde do homem sob a ótica do usuário: um estudo qualitativo em três serviços do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4513-4521, Nov. 2011.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E.F.; REBELLO, L.E.F. As Representações da Masculinidade e o Ser Homem. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Juiz de Fora, v. 8, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/323> Acesso em: 20 de abril de 2018.

MOSHER, D.L.; Serkin, M. "Measuring a Macho Personality Constellation". **Journal of Research in Personality**. v. 18, n. 2, p. 150-163, 1984.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. Reflexões sobre a Saúde dos Homens Jovens: uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social. GOMES, R., (Org.) **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

NICHOLS, B. **Introdução do documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SILVA JUNIOR, P.M. "SE DER MOLE... EU PASSO O RODO": quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. **Revista Café com Sociologia**. V.6, n. 1. p. 53-70, jan./abr. 2017.

TAYLOR, A.Y.; MOURA, T.; SCABIO, J.L.; BORDE, E.; AFONSO, J.S.; BARKER, G. **Isso aqui não é vida para você: Masculinidades e não violência no Rio de Janeiro, Brasil**. Resultados do estudo internacional sobre homens e igualdade de gênero (IMAGES) com foco na violência urbana. Washington, DC e Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PROMUNDO, 2016.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In: **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.

Filmes

THE MASK you live in. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos: The Representation Project; The Annenberg Foundation; The Brin Wojcicki Foundation; Novo Foundation; Pacific Gas and Electric; Peery Foundation, 2015. (97 min) color.

Ficha técnica do documentário “The Mask You Live In” (2015)²

Direção: Jennifer Siebel Newsom.

Ano de Lançamento: 2015.

País de Origem: Estados Unidos.

Duração: 97min.

Diretor de Fotografia: John Behrens

Produtores Executivos: Maria Shriver; Geralyn Dreyfous; Abigail Disney; Wendy Schmidt; Novo Foundation; Sarah E. Johnson; Regina K. Scully; Jessica Anthony.

Produtores Associados: Annenberg Foundation; Brin Wojcicki Foundation; Dani Fishman; Charlie Hartwell & Maureen Pelton; Amu Rao; Amy Zuchero.

Roteiro, Produção e Edição: Jessica Congdon; Jennifer Siebel Newsom.

Compositor, trilha sonora: Eric Holland.

² As informações foram pesquisadas na página The Representation Project (produtora de “The Mask You Live In” (2015) <http://therepresentationproject.org/wp-content/uploads/Mask-Press-Kit.pdf> e na página da Internet Movie Database: https://www.imdb.com/title/tt3983674/fullcredits/?ref_=tt_ov_st_sm e. Acesso em 30 de abril de 2019.

Seguem os documentos que atestam a participação no evento.



CARTA DE ACEITE

Comunicamos para os devidos fins que Juan da Cunha Silva teve seu trabalho intitulado **“Masculinidades Vigeadas: uma interpretação a partir do documentário ‘The Mask You Live In’**” aprovado para apresentação oral em Grupo de Trabalho na XIII Jornada do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense - “Reflexões antropológicas: contribuições e desafios na construção de saberes” - a realizar-se de 11 a 14 de novembro de 2019, em Niterói, Rio de Janeiro.

13

Niterói, 25 de setembro de 2019

Comissão organizadora XIII Jornada do PPGA-UFF



CARTA DE ACEITE

Comunicamos para os devidos fins que Eliane Portes Vargas teve seu trabalho intitulado **“Masculinidades Vigeadas: uma interpretação a partir do documentário ‘The Mask You Live In’**” aprovado para apresentação oral em Grupo de Trabalho na XIII Jornada do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense - **“Reflexões antropológicas: contribuições e desafios na construção de saberes”** - a realizar-se de 11 a 14 de novembro de 2019, em Niterói, Rio de Janeiro.

14

Niterói, 25 de setembro de 2019

Comissão organizadora XIII Jornada do PPGA-UFF

XIII JORNADA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA UFF

Reflexões Antropológicas: Contribuições e Desafios
na Construção de Saberes

DECLARAMOS QUE

Juan da Cunha Silva

Participou como PALESTRANTE no GT "Gênero, poder e espaço" com o trabalho intitulado "Masculinidades Vigiadas: uma interpretação a partir do documentário "The Mask You Live In"" da XIII Jornada do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, organizada pelos alunos do PPGA-UFF, entre os dias 11 e 14 de novembro de 2019, no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

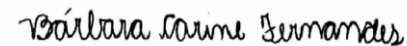


GISELE FONSECA CHAGAS

Coordenadora do Programa de Pós-
Graduação em Antropologia da
Universidade Federal Fluminense



**Universidade
Federal
Fluminense**



BÁRBARA CARINE FERNANDES

Comissão Organizadora XIII
Jornada PPGA UFF
